



A rquitetura e seu território. Esta frase encerra indagações complexas para a compreensão da disciplina arquetônica. Qual a natureza da arquitetura? Que elementos toma de empréstimo a outras disciplinas? De que forma estabelece relações com os valores de cada período? Certamente, em função da amplitude dessas questões e de outras, Vitório Gregotti aventurou-se pelos seus caminhos e labirintos, revisitando dimensões esmaecidas e ampliando fronteiras conceituais. Neste oitavo número, a revista Risco apresenta a oportunidade de visitar alguns dos “lugares” desse território, definido e em construção, que há algum tempo incorpora a cidade, sem a pretensão de mapeá-lo por completo, mesmo que os contornos de alguns temas seja inevitável.

Talvez, ainda não enquanto território a arquitetura conheceu definições ao longo da história. De *Architectura* de Vitruvius e os preceitos nele definidos apresentam-se como referência para o entendimento da *ars aedificatoria* e para recuperação das lições helênicas. No artigo *Simmetrie euritmiate: O Duomo de Milão sob o olhar de Cesare Cesariano*,

Ana Paula Giardini Pedro discute as operações que Cesariano efetua, à luz justamente da sua tradução do livro do arquiteto romano (1521) e do preceito da *symmetria vitruviana*, quando da leitura do Duomo de Milão, revelando a riqueza dos caminhos tecidos entre a obra do arquiteto romano, sua tradução e recepção no Renascimento. Nesse jogo entre períodos distintos, valores atinentes e preceitos ideais, tanto as diferenças, como as permanências na inteligência do fazer arquetônico encontram uma solução na análise realizada da edificação do Trezentos, o próprio Duomo.

Cristina de Campos e Caliane Christie Oliveira de Almeida, respectivamente em *Trajatória eclipsada*. A contribuição do engenheiro civil Antonio Francisco de Paula Souza na formação das redes

Figura: Ichnographia do Duomo de Milão. Fonte: CESARIANO. Di Lucio Vitruvio Pollione De *Architectura*. Como: 1521 [Acervo Biblioteca Cicognara / Unicamp, Campinas]. c. 14r.

de saneamento em São Paulo, 1870-1898 e O Engenheiro-Arquiteto Rubens Porto e os Institutos e Caixas de Aposentadorias e Pensões (IAPs/CAPs): contribuições para a formulação de uma política pública habitacional no Brasil na década de 1930 recuperam e discutem a importância dos percursos e ações de dois profissionais que, mesmo sendo atualmente estudados, ainda não obtiveram o reconhecimento do conjunto de suas contribuições.

Também desvelando experiências, Fernando Diniz Moreira e Ana Carolina Oliveira de Holanda no artigo Arte e ética dos materiais na obra de Vital Pessoa de Melo, 1968-1982 abordam, através da análise da produção do arquiteto, a recepção de dois temas modernos na arquitetura pernambucana: o compromisso entre ética e estética presente no Brutalismo e a integração entre arte e arquitetura, demonstrando a sintonia da produção local com o debate da época.

Dois artigos focalizam a arquitetura de complexos produtivos, o primeiro, A indústria moderna no cenário clássico, trabalho de Telma de Barros Correia, focaliza as fábricas, enquanto no texto de Maria Rita Silveira de Paula Amoroso, Ivone Salgado e Luiz Cláudio Minniti Amoroso o enfoque recai em uma fazenda de café no interior do Estado de São Paulo: O Patrimônio Industrial da Fazenda São Vicente: conservação, recuperação e re-funcionalização do complexo cafeeiro de uma fazenda de café em Campinas - Brasil. As questões abordadas são diversas, Correia explora além das fábricas as suas construções anexas, casas, hospitais e escolas, já os três autores discutem o restauro de uma obra rural do arquiteto Ramos de Azevedo. Em ambos, a discussão das concepções arquitetônicas, a referência à linguagem clássica e acadêmica, as formas de sua apropriação, e hoje de sua conservação, adquirem grande destaque.

O Rio de Janeiro apresenta-se como a cena fixa, entretanto, absolutamente ativa em outros dois trabalhos que debatendo intervenções e ações distintas, em momentos diversos, revelam as concepções de cidade, usos projetados e pensados pelo saber técnico e formas reais de apropriação e revitalização do espaço urbano. Assim, Discursos e imagens acerca de intervenções urbanas no Rio de Janeiro (1920-1940): a questão da valorização

fundiária em planos e projetos urbanos de Vera Lucia Ferreira Motta Rezende e Fernanda Furtado de Oliveira e Silva discutem algumas das grandes intervenções urbanas planejadas ou realizadas na cidade no período citado. Já Emika Takaki e Glauci Coelho, no artigo O Resgate do Espaço Público como Lugar de Encontro: A experiência da Ação Cultural Hip-Hop sob o Viaduto de Madureira no Rio de Janeiro, analisam como novos atores sociais demonstram capacidade de revitalizar espaços públicos residuais, subvertendo a alcunha de desqualificados, que esses locais, muitas vezes gerados por intervenções tecnicamente justificadas, ganharam.

Inês El-Jaick Andrade em a Construção e desconstrução do conceito de jardim histórico problematiza a incorporação deste tipo de obra na categoria patrimonial, defendendo sua importância e as características específicas que a temporalidade de um documento cultural vivo oferece. Por sua vez, em Modernização, inventividade e mimetismo na arquitetura residencial em Belém entre as décadas de 1930 e 1960 Celma Chaves Pont Vidal discorre

sobre as transformações que a tipologia residencial conheceu na cidade de Belém, verificando as referências arquitetônicas utilizadas e a interlocução que os profissionais locais estabeleciam com as formulações nacionais e internacionais do período e que permitiram a renovação da arquitetura na cidade.

A arquitetura e seu território solicitam um entendimento próprio. Com Mário Henrique S. D'Agostinho em As Palavras e as Pedras - De Architectura I, 2: o Preceituário da Boa Arquitetura voltamos ao De Architectura de Vitruvio. As seis partes constitutivas da arquitetura, ou preceitos básicos expressos no livro integram seu objeto de análise. Nada melhor à reflexão sobre a disciplina do que as definições do arquiteto romano, observando inicialmente o distanciamento dos significados de alguns conceitos traduzidos do grego para o latim que Vitruvio absorve e desenvolve. Mas, sobretudo, acompanhando D'Agostinho, vale observar o encadeamento dos conceitos Symmetria, Eurythmia, Ordinatio, Dispositio, Décor, Distributio e suas várias articulações, aos pares ou agrupadas parcialmente numa construção conceitual dinâmica, que não deixa de atentar para as derivações

atinentes aos momentos distintos de recepção da obra, particularmente, aquelas referentes as diferenças de interesse presentes na Idade Média e no Renascimento.

Remetendo à nossa preocupação, neste momento o território mostra-se mais denso, pois ao espaço da arquitetura deve ser agregada a dimensão temporal, os valores elaborados em cada período desenharam o olhar e criam distintas compreensões dos conceitos trabalhados. Este alerta parece válido para o momento atual da elaboração arquitetônica, no qual a atenção aos valores transcendentais da arquitetura, por vezes produziram reações demasiadamente críticas ao modernismo, particularmente, aos seus compromissos sociais, esquecendo-se do necessário encadeamento entre os conceitos. Se, por exemplo, as definições de funcionalidade mudaram ao longo da história, porque outras definições não haveriam de ter adquirido novos significados, multiplicando a compreensão de suas relações? E, principalmente, como lembrou Bruno Zevi, se na arquitetura, o

conteúdo social, o efeito psicológico e os valores formais se materializam no espaço construído, o que se pretende divorciando o desenvolvimento da linguagem de qualquer dimensão social?

Regra versus criação é esse o dilema que D'Agostinho flagra ao longo da história da arquitetura. A solução do dilema no presente, não é a preocupação central do seu texto, mas de forma ampla e a partir de Goethe, o autor oferece um entendimento que supera o dilema e informa o fazer arquitetônico como um "terceiro", um produto cuja consecução surge a partir da ordem construtiva e da potência poética.

As variações que o binômio potencializa para a arquitetura nos dias de hoje, representam um desafio cuja compreensão remete a possibilidade de repensar e recriar as dimensões do território da arquitetura, do qual os artigos presentes nessa edição da revista Risco constituem uma pequena, mas rica, amostra.